

# A centralidade da eucaristia nos primeiros séculos

PIO G. ALVES DE SOUSA

Revisitar a *história da família* (neste caso, da família dos filhos de Deus) é um exercício, habitualmente gratificante, que nos ajuda a aprofundar as nossas raízes. Sentimo-nos, assim, mais seguros nos terrenos novos em que nos toca viver. Este esforço de conhecimento não pode confundir-se com um saudoso e estéril regresso ao passado para, eventualmente, justificar a inércia de actuais comportamentos degradados.

No quadro da eucaristia, que centra as nossas atenções, pediram-me para falar da sua centralidade na vida das comunidades cristãs dos primeiros séculos.

Convido-os a percorrer comigo alguns momentos significativos dessa história, feita de heroísmos, de vislumbres de elementos fundamentais da mensagem do Mestre, de superação de explicações, às vezes, menos conseguidas. Concretamente, convido-os a surpreender a vida das primeiras comunidades dos seguidores de Jesus Cristo; a tentar descobrir aí que lugar ocupavam nas suas vidas, que força tinham para eles as palavras do Senhor Jesus Cristo que, no quadro das suas promessas<sup>1</sup>, no contexto da Última Ceia<sup>2</sup>, tinha dito do pão e do vinho: «Tomai e comei, isto é o meu corpo»; «Bebi dele todos, pois isto é o meu sangue»; «Fazei isto em memória de mim».

Pararemos apenas nalguns momentos de século e meio da nossa história: chegaremos até meados do século III, no Oriente e no Ocidente. Para

---

<sup>1</sup> Cfr. Jo 6.

<sup>2</sup> Cfr. Mt 26, 26-29; Mc 14, 22-25; Lc 22, 14-20; 1 Cor 11, 23ss.

podermos apreciar a importância dos testemunhos que vamos evocar, vale a pena ter presente que estes cristãos viviam, globalmente, a mesma fé que hoje professamos. Mas os conteúdos doutrinários e vivenciais que assumiam expressamente eram muito elementares: Jesus Cristo era a sua grande referência, que os distinguia dos pagãos e dos judeus; o baptismo era o gesto público que marcava o início formal da sua nova condição de discípulos de Cristo; o seu estilo de vida, sem se afastarem da comum existência quotidiana, devia ter as marcas da irrenunciável novidade do Evangelho. Mas, para além destas sumárias notas fundamentais, não encontramos textos doutrinários complexos e elaborados: o discurso teológico sobre a Trindade vai fazer-se pouco a pouco, penosamente, ainda durante os séculos seguintes; as referências a Maria, ainda que progressivas, são esporádicas; a reflexão sobre a Igreja está subjacente à vida dos cristãos, mas tardará a aparecer de forma organizada. Os símbolos da fé, os credos, na sua densa simplicidade, são o reflexo deste contraste entre a riqueza da vida que se vive e a doutrina que a expressa.

E que acontece com os sacramentos? O baptismo, o sacerdócio e, de algum modo, o matrimónio ocupam um lugar destacado; a penitência, que se descobre como nova porta para o perdão depois do baptismo, apresenta contornos de análise complexa; a confirmação é uma realidade claramente referenciada, ainda que seja difícil, caso a caso, perceber o nível de relação com o baptismo; a unção dos enfermos é aludida de um modo vago. E a eucaristia? É já, como veremos de seguida, uma realidade doutrinária e vivencial profundamente arreigada.

## 1. Inácio de Antioquia

Nos primeiros anos do século II (107-110), a caminho de Roma onde iria ser martirizado, este bispo da Igreja de Antioquia vai escrevendo cartas a diferentes comunidades cristãs. Desprendido desta vida, anseia encontrar-se com Jesus Cristo, o pão da eucaristia: «Não me deleito com o alimento de corrupção nem com os prazeres desta vida. Quero pão de Deus, que é a carne de Jesus Cristo, o da linhagem de David, e quero como bebida o seu sangue, que é o amor incorruptível»<sup>3</sup>. O pão e o vinho eucarísticos são a carne e o sangue de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e também verdadeiro homem.

Inácio sente necessidade de alertar os cristãos para o perigo que ameaçava a fé das comunidades. Com efeito, havia quem, para afirmar a divindade de

---

<sup>3</sup> INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos Romanos*, 7, 3 (156). Utilizo a edição IGNACIO DE ANTIOQUIA, *Cartas*. POLICARPO DE ESMIRNA, *Carta*. *Carta de la Iglesia de Esmirna a la Iglesia de Filomelio*, introdução, tradução e notas de J. J. AYÁN CALVO, Fuentes Patrísticas 1, Ed. Ciudad Nueva, Madrid 1991.

Jesus Cristo, pusesse em causa a confissão da sua verdadeira humanidade: eram os chamados docetas. Obviamente, esta concepção cristológica implicaria também a negação da verdadeira eucaristia. Os docetas sabiam-no. E, por isso, procuravam celebrações marginais: «Afastam-se da eucaristia e da oração, pois não confessam que a eucaristia é a carne de nosso Salvador Jesus Cristo, que padeceu pelos nossos pecados, a qual ressuscitou o Pai por sua bondade. Os que, pois, contradizem o dom de Deus morrem disputando: a estes ser-lhes-ia melhor celebrar o ágape para que assim ressuscitem»<sup>4</sup>. Os docetas procuravam uma eucaristia que não implicasse a confissão da verdadeira humanidade de Jesus Cristo: isto é, uma falsa eucaristia, consentânea com os seus viciados esquemas cristológicos. Inácio alerta os cristãos para a falsidade desta confissão e para o risco das suas implicações.

Sublinha ainda uma outra dimensão fundamental da eucaristia: a sua relação com a unidade da Igreja. Os docetas, independentemente da sua intenção, não podiam celebrar a eucaristia, já que rompiam com a unidade. Noutros lugares, Inácio será ainda mais explícito. «Só deve considerar-se válida aquela eucaristia presidida pelo bispo ou por aquele em quem ele delegar. (...) Sem contar com o bispo não é lícito baptizar nem celebrar o ágape: o que ele aprovar é o que agrada a Deus»<sup>5</sup>.

A eucaristia é sinal e causa de unidade: «Procurai vivamente frequentar uma só eucaristia. Com efeito é uma só a carne de nosso Salvador Jesus Cristo e um só o cálice para unir-nos ao seu sangue; um só altar, assim como um só bispo, com o presbitério e os diáconos, seus con-servos»<sup>6</sup>. O bispo é a referência visível da unidade; o altar da eucaristia é o sinal sensível por onde passa a manifestação dessa unidade: «O que está dentro do altar é puro; o que está fora do altar não é puro. Quer dizer, o que faz alguma coisa sem contar com o bispo e com o presbitério e com os diáconos esse não é puro de consciência»<sup>7</sup>.

## 2. *Didaché*

A *Instrução dos Doze Apóstolos* ou *Instrução do Senhor aos gentios por meio dos Doze Apóstolos*, conhecida simplesmente pelo nome grego *Didaché*, é um escrito da primeira metade do século II (antes de 138) e constitui a mais antiga fonte de legislação eclesial e de síntese de práticas das comunidades cristãs.

A primeira parte (capítulos 1 – 9) compendia instruções para a iniciação cristã, sob a alegoria dos dois caminhos: o caminho da vida (1-4) e o caminho da

---

<sup>4</sup> INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos Cristãos de Esmirna*, 7, 1 (174).

<sup>5</sup> *Ibidem*, 8, 1-2 (176).

<sup>6</sup> IDEM, *Carta aos Cristãos de Filadélfia*, 4 (162).

<sup>7</sup> IDEM, *Carta aos Cristãos de Trales*, 7, 2 (142).

morte (5-6); fala depois do baptismo, do jejum, do Pai-Nosso. A segunda parte (9-16), no contexto de normas disciplinares e recomendações à comunidade, inclui conteúdos eucarísticos notáveis (9-10.14).

Como é próprio do tipo de escritos chamados *apostólicos*, a que este pertence, o autor não faz a defesa de conteúdos doutrinários. Fala para a comunidade e pressupõe a generalizada aceitação das doutrinas que menciona.

As celebrações da fé são inequivocamente eucarísticas. Reproduzem-se orações de consagração sobre o cálice<sup>8</sup> e sobre o pão<sup>9</sup>; e, depois, orações de acção de graças<sup>10</sup> e de súplica<sup>11</sup>. Jesus é o servo do Pai, da descendência de David: portanto, também verdadeiro homem.

«Tu, Senhor Onnipotente, que tudo criaste por causa do Teu Nome, e deste o alimento e a bebida aos filhos dos homens para seu contentamento e para que Te dessem graças»<sup>12</sup>. O louvor a Deus Criador é uma constante nos escritos da literatura cristã antiga: aqui explicita-se a nota da criação em benefício da subsistência do homem. Mas isso, sendo importante, perde dimensão diante da qualidade e dos benefícios do novo alimento que se nos dá: «A nós, porém, gratificaste-nos com um alimento e bebida espirituais, para a vida eterna, por Jesus, teu Filho. Acima de tudo, nós Te damos graças, porque és poderoso. A Ti a glória, pelos séculos!»<sup>13</sup>.

Recorde-se, contudo, que este alimento não é para todos: «Mas ninguém coma ou beba da vossa eucaristia, a não ser os baptizados em nome do Senhor»<sup>14</sup>. «Quem é santo, venha. Quem não é, faça penitência. Maranatha, Amén»<sup>15</sup>. Mais adiante, ao falar do domingo, será ainda mais explícito. Dirá: «No dia dominical do Senhor reuni-vos, parti o pão e dai graças, depois de ter confessado os vossos pecados, para que o vosso sacrifício seja puro. Todo o que tiver algum diferendo com o seu próximo, não se junte a vós, antes que se reconciliem, para que o vosso sacrifício se não contamine»<sup>16</sup>.

A eucaristia é Cristo, alimento espiritual dos baptizados, incompatível com as discórdias, centro da celebração da fé, penhor de vida eterna. Mas, não obstante a proximidade às origens e a radicalidade do seguimento de Jesus Cristo, tem-se consciência, pessoal e comunitariamente, de que a eucaristia não

<sup>8</sup> *Didaché*, 9, 2 (210-212). Utilizo a edição Διδάχῃ. *Didaché e Doctrina apostolorum*, tradução de M. L. MARQUES, estudo e notas de I. PEREIRA LAMELAS, Philokalia 5, Ed. Alcalá, Lisboa 2004.

<sup>9</sup> *Didaché*, 9, 3 (212).

<sup>10</sup> *Ibidem*, 10, 1-4 (216-220).

<sup>11</sup> *Ibidem*, 10, 5-6 (220-222).

<sup>12</sup> *Ibidem*, 10, 3 (218-219).

<sup>13</sup> *Ibidem*, 10, 3-4 (218-221).

<sup>14</sup> *Ibidem*, 9, 5 (214-215).

<sup>15</sup> *Ibidem*, 10, 6 (222-223).

<sup>16</sup> *Ibidem*, 14, 1-2 (244-247).

é, sem mais, alimento de todos os batizados. O perdão, de Deus e dos irmãos, a limpeza de coração e a efectiva fraternidade são condições prévias ao encontro com Jesus Cristo na eucaristia.

Neste contexto de profunda riqueza de matizes, em que se fundem a fé e a vida dos cristãos, não estranha esta poética e expressiva referência à eucaristia como ícone da unidade da Igreja: «Como este pão partido, antes semeado sobre as colinas, uma vez recolhido se tornou um, assim a tua Igreja seja reunida das extremidades da terra no Teu reino. Porque Tua é a glória e o poder, por meio de Jesus Cristo nos séculos»<sup>17</sup>. É a eucaristia que congrega, na unidade de uma confissão de fé e de vida, a dispersão geográfica e cultural dos seguidores de Jesus Cristo.

### 3. Justino

Em meados do século II, em pleno Império Romano, que se orgulhava de cultivar a justiça, a Igreja continuava a viver sob o estigma da ilegalidade. Esta condição não ditou – como, às vezes, se pensa – uma perseguição permanente e generalizada; mas possibilitou perseguições sangrentas e devastadoras: ditadas pelo ódio dos iguais ou pelas conveniências políticas do Império. Em qualquer caso, mesmo quando os cristãos puderam viver com alguma normalidade a sua vida e a sua fé, sabiam que, a todo momento, podia ser urgida a aplicação da lei e, nesses casos, não lhes restava, normalmente, senão uma destas alternativas: a infidelidade ou a morte.

Um dos cristãos da época que mais consistentemente se insurgiu contra este estado de coisas foi Justino, que morreu mártir cerca do ano 165. Nas suas *Apologias* defende, diante das instâncias oficiais do Império, a legitimidade do fenómeno cristão e responde às críticas de que eram objecto os discípulos de Jesus Cristo. Encontra ainda ocasião para referir alguns conteúdos fundamentais da fé, entre os que se destaca a eucaristia.

Em dois lugares da sua obra conhecida encontramos a primeira descrição pormenorizada da celebração eucarística. Apesar da chamada *lenda negra* que já corria de boca em boca entre os pagãos, que associava as celebrações eucarísticas dos cristãos às mais incríveis barbaridades (assassinato ritual de uma criança envolta em farinha; antropofagia; imoralidades incestuosas), Justino não teme contar o que aí realmente se passa.

O primeiro dos textos<sup>18</sup> descreve a liturgia eucarística pós-baptismal. O recém-baptizado é levado ao convívio dos que celebram a eucaristia: são feitas

---

<sup>17</sup> *Ibidem*, 9, 4 (212-215).

<sup>18</sup> JUSTINO, *Apologia 1*, 65-66 (256-257). Utilizo a edição *Padres Apologetas Griegos (s. II)*, introdução, texto grego, versão espanhola e notas de D. RUIZ BUENO, BAC, Madrid 1979<sup>2</sup>.

orações em comum pelo neo-baptizado e por todos os cristãos; segue-se o ósculo da paz. Depois, «é oferecido ao que preside aos irmãos pão e um vaso de água e vinho, e tomando-os dá louvores e glória ao Pai do universo pelo nome do seu Filho e pelo Espírito Santo, e pronuncia uma longa acção de graças por ter-nos concedido esses dons que nos vêm d'Ele. E quando o presidente termina as orações e a acção de graças todo o povo aclama dizendo: Amén». Em seguida, os diáconos repartem pelos presentes e pelos ausentes o pão, o vinho e a água. A este alimento chama-se eucaristia.

Descreve, noutro lugar<sup>19</sup>, a eucaristia dominical. É escolhido o domingo «porque é o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo e o dia em que o Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou de entre os mortos». Os participantes são todos os que moram nas cidades ou nos campos. «Enquanto o tempo o permite», diz Justino, o leitor lê *Recordações dos Apóstolos* ou escritos dos profetas. Depois, o presidente exorta os participantes a imitar esses bons exemplos. Seguem-se, em pé, as orações comuns. Em seguida, oferecem ao presidente pão, vinho e água. E o presidente, «segundo as suas forças», dirige a Deus preces e acções de graças: o povo responde Amén. A seguir faz-se a distribuição dos alimentos consagrados aos presentes e o envio aos ausentes. Finalmente, recolhem-se as ofertas, que se entregam ao presidente para que ele as reparta, a seu critério, pelos necessitados: órfãos, viúvas, presos, forasteiros.

Não é difícil descobrir nestas duas descrições similares os elementos fundamentais que integram, mesmo ritualmente, as actuais celebrações eucarísticas: a leitura da Sagrada Escritura, sem limite de tempo, feita por um leitor; a homilia, pelo presidente; a oração dos fiéis; o ósculo da paz; a oferta dos dons; a oração eucarística feita, «segundo as suas forças», pelo presidente; o Amén da assembleia; a repartição pelo diácono do pão, do vinho e da água; o envio deste dons aos ausentes; a recolha das ofertas para os necessitados, cuja distribuição é da responsabilidade do presidente.

A eucaristia é sinal e causa de unidade. Com efeito, congrega à volta da mesma mesa os cristãos da cidade e os dispersos pelos pagos, pelas aldeias. Mas, por outra parte, tal como sublinhava a *Didaché*, Justino afirma que só pode participar da eucaristia o que acredita nas verdades da fé, que é baptizado e vive de acordo com os mandamentos de Jesus Cristo. Esta exigência tem uma explicação: «não tomamos estas coisas como pão comum nem bebida ordinária. Mas tal como Jesus Cristo, nosso Salvador, feito carne por virtude do Verbo de Deus, teve carne e sangue para nossa salvação, assim se nos ensinou que, por virtude da oração procedente d'Ele, o alimento sobre o qual foi dita a acção de

---

<sup>19</sup> JUSTINO, *Apologia* 1, 67 (258-259).

graças – alimento do qual se nutrem o nosso sangue e a nossa carne em ordem à nossa transformação – é a carne e o sangue daquele mesmo Jesus encarnado».

A eucaristia é ainda o sacrifício profetizado por Malaquias: «o sacrifício espiritual, desejado ao longo de tanto tempo (...); o próprio Logos, Jesus Cristo, é aqui a vítima»<sup>20</sup>. «A oblação da farinha de trigo, prescrita (pelo *Levítico*)<sup>21</sup> para os que ficassem limpos da lepra, era figura do pão da eucaristia, que nosso Senhor Jesus Cristo mandou que se fizesse em memória da paixão sofrida em favor dos que são purificados nas almas de toda a maldade humana, para que, ao mesmo tempo, déssemos graças a Deus, não só porque criou o mundo e tudo quanto nele há, por amor do homem, mas também porque nos libertou da iniquidade em que estávamos»<sup>22</sup>.

A eucaristia, recorda Justino, não é invenção dos homens, mas o cumprimento fiel do mandato de Jesus Cristo na Última Ceia: «Este é o meu corpo», «este é o meu sangue»; «Fazei isto em memória de mim».

O sacrifício pascal, portanto, é consumado em Jesus Cristo. A eucaristia perpetua, por vontade e mandato de Cristo, esse sacrifício perene. A sua celebração está no centro da vida dos cristãos. Congrega-os de todas as partes: os forçosamente ausentes estão presentes nas preocupações espirituais e materiais da assembleia celebrante; a comunhão do pão e do vinho, feitos corpo e sangue de Cristo, não é necessariamente para todos os presentes: exige integral qualidade de vida cristã.

#### 4. Ireneu de Lyon

Aludirei, agora, a um autor que viveu na segunda metade do século II: Ireneu de Lyon, que nasceu cerca do ano 140. Foi ele quem começou a construir a resposta cristã a um dos fenómenos mais graves que ameaçou a Igreja ao longo de toda a sua história: o gnosticismo. Este sistema filosófico-religioso, que manteve a aparência de cristianismo erudito, na realidade, subvertia-o profundamente.

Uma das suas posições antagónicas aos conteúdos cristãos punha em causa a imortalidade do homem e a sua ressurreição. Para mostrar a incoerência da maneira de pensar dos gnósticos, Ireneu organizou o seu discurso partindo de um dado comum às duas partes: a eucaristia. Escreve: «Se, pois, o cálice que foi misturado e o pão que foi confeccionado recebem a palavra de Deus e se tornam eucaristia, isto é, o sangue e o corpo de Cristo, e se por estes se fortifica

---

<sup>20</sup> J. QUASTEN, *Patrología, I: Hasta el concilio de Nicea*, BAC, Madrid 1984<sup>3</sup>, 217.

<sup>21</sup> Cfr. Lev 14, 10.

<sup>22</sup> JUSTINO, *Diálogo com Trifão*, 41 (369).

e se afirma a substância da nossa carne, como é que estes podem pretender que a carne é incapaz de receber o dom de Deus que consiste na vida eterna, quando ela é alimentada pelo sangue e pelo corpo de Cristo e é membro deste (...)? É este mesmo organismo que é alimentado pelo cálice que é o sangue de Cristo e fortificado pelo pão que é o seu corpo. E do mesmo modo que o bacelo da vinha, depois de ter sido plantado na terra, dá fruto a seu tempo e que o grão de trigo caído na terra e tendo-se decomposto ressurgiu multiplicado pelo Espírito de Deus que sustenta todas as coisas, (...) assim os nossos corpos, que são alimentados por esta eucaristia, depois de terem sido plantados na terra e se terem decomposto, ressuscitarão no tempo devido».

Ireneu pressupõe – nos cristãos e nos gnósticos – a confissão da presença real de Cristo na eucaristia e considera-a, para os que comungam, penhor de imortalidade e ressurreição. E desafia os gnósticos a que, por coerência, abandonem as suas posições ou ponham de lado a eucaristia: «Como podem ainda dizer que a carne se destina à corrupção e não toma parte da vida, quando ela é alimentada pelo corpo do Senhor e pelo seu sangue? Que mudem a sua maneira de pensar ou que se abstenham de oferecer o que acabámos de dizer. Pela nossa parte, a nossa maneira de pensar está de acordo com a eucaristia e a eucaristia, por sua vez, confirma a nossa maneira de pensar. (...) Porque, do mesmo modo que o pão que vem da terra, depois de ter recebido a invocação de Deus, já não é pão ordinário, mas eucaristia, composto de dois elementos, um terrestre e outro celeste, assim os nossos corpos, que participam da eucaristia, já não são corruptíveis, uma vez que possuem a esperança da ressurreição»<sup>23</sup>.

Ireneu, neste seu desafio, quer, directamente, sublinhar a ressurreição e a imortalidade, posta em causa pelos gnósticos. Não teme, para isso, utilizar como elemento comum de fé a realidade da eucaristia. E parte, depois, para este raciocínio sugestivo: um corpo que se alimenta de Jesus Cristo, o Verbo de Deus, não pode, definitivamente, perder-se na corrupção da matéria: tal como o grão de trigo ou o bacelo da vinha devem ressurgir para uma vida nova.

## 5. *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma*

De S. Justino, que morreu em Roma, passamos a uma outra figura que viveu nesta mesma cidade nas primeiras décadas do século III. Falamos de Hipólito: autor de mentalidade oriental, impetuoso e polémico. Consegue *fazer*

---

<sup>23</sup> IRENEU DE LYON, *Adversus haereses*, 4, 18, 5 (SC 100, 610-612). Cfr. também *Ibidem*, 5, 2, 2ss (SC 153, 30 ss); 1, 13, 2 (SC 264, 190-192).

*o pleno*: primeiro anti-papa da história e santo! Fixaremos a nossa atenção na sua *Tradição Apostólica*. Trata-se de uma obra que se insere na linha das constituições eclesásticas. Só lhe ganha em antiguidade a *Didaché*. É um documento importante para o conhecimento da vida das comunidades cristãs, mormente no campo litúrgico. Dá directivas não só à comunidade, mas também aos responsáveis pelas Igrejas.

A sua influência chega, assumidamente, até aos nossos dias. O Missal de Paulo VI, que hoje usamos, apoiou-se, substancialmente, nesta obra para compor a actual Anáfora II<sup>24</sup>. Reconhecerão, por isso, facilmente, o texto que passo a citar: «Ele [Jesus Cristo](...), para cumprir toda a lei e manifestar a sua ressurreição, tomando o pão, dando-te graças disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo partido por vós. De igual maneira tomou o cálice, dizendo: Este é o meu sangue derramado por vós. Quando fizerdes isto, fazei-o em minha memória. Ao fazer memória, pois, da sua morte e ressurreição, te oferecemos este pão e este cálice, dando-te graças porque nos fizestes dignos de estar em sua presença e servir-te. E te pedimos que envies o teu Espírito Santo sobre a oblação da tua santa Igreja. Congregando-os na unidade, enche com o Espírito Santo a quantos participam das coisas santas, para confirmar a sua fé na verdade, a fim de que te louvemos e glorifiquemos por teu Filho Jesus Cristo, por quem te seja dada a glória e a honra, com o Espírito Santo, na tua santa Igreja, agora e pelos séculos. Amén»<sup>25</sup>.

A eucaristia, memorial da morte do Senhor Jesus Cristo, congrega os seus discípulos na unidade e confirma a sua fé na verdade. Sublinha-se, assim, um traço que pertence à mais genuína e assumida tradição cristã: o dinamismo congregador da eucaristia. É, contudo, ainda mais relevante e, de certa forma, nova pela sua intensidade a desenvolvida presença do Espírito Santo num texto dos princípios do século III. Além disso, a pneumatologia expressa ou subjacente insere-se numa confissão trinitária, simples na sua formulação mas rica na sua envolveria. Vale a pena recordar que o Espírito Santo e a Trindade estão, obviamente, presentes nas confissões cristãs desde o início. Contudo, os aprofundamentos e clarificações da confissão cristológica absorveram, compreensivelmente, grande parte das energias discursivas durante os primeiros séculos. É no século IV, com S. Atanásio, primeiro, e especialmente com S. Basílio que a pneumatologia começa a tomar forma mais acabada. Daí o interesse deste texto, de algum modo, prematuro que, num contexto eucarístico, desenvolve a confissão pneumatológica e trinitária.

---

<sup>24</sup> Cfr. A. M. FRANQUESA, *Composición y estructura de las nuevas anáforas*, in «Phase» 8 (1968) 308-334.

<sup>25</sup> HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica*, 4 (SC 11bis, 50-52).

## 6. Orígenes

Hipólito, segundo um testemunho de S. Jerónimo<sup>26</sup>, terá tido como ouvinte da sua homilia *Sobre o louvor do Senhor*, pronunciada em Roma cerca do ano 212, um dos grandes nomes da literatura cristã de todos os tempos: Orígenes.

Homem tão genial como difícil, o conteúdo dos seus escritos está longe de se esgotar nalgumas posições doutrinárias problemáticas que serviram de entretenimento a discípulos menores. A Igreja em geral e a reflexão teológica em particular nunca lhe agradecerão suficientemente o notável e pioneiro trabalho das pontes que logrou alicerçar e construir com o mundo da cultura. Mas este é apenas um dos muitos capítulos do seu fecundo pensamento.

Com recurso, nem sempre devidamente doseado, à chamada exegese alegórica, encontra explicações, às vezes, mirabolantes; outras vezes, põe em pé intuições geniais.

Pelo que diz respeito à eucaristia são abundantes os lugares em que menciona ou pára a reflectir sobre «o corpo do Senhor».

Para que algumas das sugestões que abordaremos em seguida, brevemente, não suscitem qualquer interrogação ou perplexidade, convém começar por sublinhar a sua inequívoca assunção da realidade da eucaristia: «Damos graças ao Criador de todas as coisas e, com acção de graças e orações pelos benefícios que recebemos, comemos os pães que nos foram apresentados. Pela oração, estes pães converteram-se num corpo santo, que santifica os que o recebem com sãs disposições»<sup>27</sup>.

O realismo eucarístico associado à convicção da sua acção transformante do ser humano aparece ainda com maior expressividade num texto que anda à volta do versículo 2 do Salmo 27 e também de João 6, 56: «Se nós comemos as carnes de Cristo (...) e os demónios comem as nossas carnes, tem cuidado não seja que os demónios comam as carnes de Cristo, as virtudes que estão em nós»<sup>28</sup>. Portanto, em linguagem de Orígenes, «a presença de Cristo no homem pela eucaristia é uma presença transformante, deificante (...), a tal ponto que as suas carnes passam a ser carnes de Cristo. (...) A uma situação de comunhão Orígenes faz corresponder uma situação permanente de transformação em Cristo, com o conseqüente risco de traição pessoal a Deus»<sup>29</sup>.

Esta convicção é reforçada e enriquecida pela relação que estabelece, na sua conhecida obra *De oratione*, entre eucaristia e encarnação do Verbo. Depois

<sup>26</sup> JERÓNIMO, *De viris illustribus*, 61 (PL 23, 708B).

<sup>27</sup> ORÍGENES, *Contra Celso* 8, 33 (SC 150, 246).

<sup>28</sup> ORÍGENES, *Comentário aos Salmos*, 26 (PG 12 1277A).

<sup>29</sup> Cfr. P. G. ALVES DE SOUSA, *A presença de Cristo nos comentários de Orígenes a Jo. 6, 55-57*, in «Theologica» 11 (1976) 322-323.

de citar João 6, 53-57, diz assim: «Este é o verdadeiro alimento, carne de Cristo, que sendo Verbo se fez carne, conforme aquela frase ‘e o Verbo se fez carne’; quando o tomamos [realiza-se o dito] ‘e habitou entre nós’; quando se distribui cumpre-se aquilo ‘vimos a sua glória’. ‘Este é o pão que desceu do céu, não como o pão que comeram os vossos pais e morreram. O que come deste pão viverá eternamente’ (Jo. 6, 58)»<sup>30</sup>. Orígenes afirma a autenticidade deste alimento, sem negar a veracidade de outras formas de alimento sob as quais Cristo se apresenta. É a própria carne de Cristo e, por isso, alimento no sentido mais estrito. Esta realidade, contudo, é possível pelo facto prévio da encarnação que teve lugar num momento passado concreto. Por este acontecimento salvífico, Cristo está já presente entre os homens. A eucaristia, pão vivo, apresenta-se-nos como a actualização pessoal *in individuo* da presença radical de Cristo entre os homens pela encarnação<sup>31</sup>.

O realismo eucarístico de Orígenes é a plataforma para derivações que enriquecem o seu pensamento e colocam a eucaristia no centro da própria história da salvação. É interessante, pelo menos, aludir à relação que estabelece entre a páscoa judaica, a páscoa cristã e a páscoa futura. Orígenes move-se neste campo jogando com o valor típico destas realidades. Ao mesmo tempo que afirma a dimensão pascal da eucaristia, apresenta-a como superação do seu tipo veterotestamentário e ressalta a profunda diferença que existe entre as duas páscoas; a eucaristia, por sua vez, é tipo da páscoa futura<sup>32</sup>.

De entre os muito textos que poderiam seleccionar-se, e sem retirar nada a quanto já ficou dito, escolho, para terminar esta amostra de Orígenes, uma breve passagem de uma das suas homilias sobre o livro do Êxodo: «Vós, os que costumais assistir aos divinos mistérios, conheceis como, quando recebeis o corpo do Senhor, o guardais com toda a cautela e veneração para que não caia nem um pouco sequer dele, nem desapareça nada do dom consagrado. Com efeito, considerais-vos réus – e com razão, por certo – se se perde algo dele por negligência. E se empregais, justificadamente, tanta cautela para conservar o seu corpo, como julgais menos ímpio ter menor cuidado com a sua palavra que com o seu corpo?»<sup>33</sup>.

Esta interpelação não retira nada à importância da realidade da eucaristia, e abre, claramente, com igual força, para a afirmação de outras formas de presença. É uma justificada provocação com actualidade permanente. A palavra de Deus não pode ser tratada com menor consideração e cuidado. É também um substancial e efectivo modo de presença de Deus entre os homens, de Deus nos homens.

<sup>30</sup> ORÍGENES, *Acerca da oração*, 27 (PG 11, 507C).

<sup>31</sup> P. G. ALVES DE SOUSA, a. c., 314-316.

<sup>32</sup> Cfr. *Ibidem*, 334.

<sup>33</sup> ORÍGENES, *Homilia sobre o Êxodo*, 13, 3 (SC 321, 386).

## 7. Cipriano de Cartago

A Cipriano de Cartago tocou-lhe viver, em meados do século III, uma época conturbada e difícil. A Igreja do seu tempo experimentou, com dureza, as consequências da sua condição de *religio illicita*. O bispo Cipriano foi vítima das generalizadas perseguições decretadas por Décio e Valeriano. Teve ainda que defender-se de infundadas acusações, internas à Igreja, e tentar curar as feridas de muitas deserções.

O seu grande legado centra-se na reiterada afirmação da unidade. «Nesse mesmo mistério está representada a união do nosso povo, já que, assim como muitos grãos reunidos e moídos juntos fazem um só pão, assim sabemos que em Cristo, que é o pão celestial, há um só corpo com o qual nós estamos unidos e fundidos»<sup>34</sup>.

Regressa ao pensamento de Cipriano a imagem, que encontrámos na *Didaqué*, dos muitos grãos que formam um só pão para potenciar a ideia da unidade dos cristãos na e pela eucaristia. À imagem da junção dos grãos acrescenta-se o doloroso itinerário que conduz ao pão, como que a evocar as duras provas pela que passavam os seguidores de Jesus Cristo: obrigatória referência congregadora. Esta ideia da unidade em Cristo, pela eucaristia, aparece uma e outra vez. Por exemplo, poucas linhas antes, nesta mesma carta que combate os aquarianos<sup>35</sup>, escreve: «Quando no cálice se mistura, pois, a água com o vinho, o povo une-se com Cristo e a multidão crente adere e une-se àquele em quem acreditou»<sup>36</sup>.

Terminamos esta sumária apresentação de S. Cipriano com a citação de um texto que centra a atenção nos efeitos da eucaristia em quem a recebe. O autor tira partido do contraste entre os efeitos do vinho comum e os benefícios da eucaristia: «o cálice do Senhor embriaga os que o bebem de tal modo que os torna sóbrios, conduz as suas mentes à sabedoria espiritual, faz que se passe deste saber do profano ao conhecimento de Deus e tal como com este vinho comum se desata o entendimento e o espírito se alarga e se afasta de todo tipo de tristeza, também, quando se beber o sangue de Cristo e o cálice de salvação, se perde toda a recordação do homem velho e se esquece a passada vida mundana, e o coração triste e aflito, que se sentia antes oprimido pelo peso dos pecados, sente-se livre com o gozo da bondade divina. Mas este gozo só o consegue aquele que bebe na Igreja do Senhor, se o que bebe tem a verdade do Senhor»<sup>37</sup>.

<sup>34</sup> CIPRIANO DE CARTAGO, *Carta 63*, 13, 5 (CIPRIANO DE CARTAGO, *Cartas*, introdução, tradução e notas de M. Luisa GARCÍA SANCHRIDRIÁN, Ed. Gredos, Madrid 1998, 301).

<sup>35</sup> Os chamados aquarianos usavam a água em lugar do vinho na celebração da eucaristia: cfr. F. COCCHINI, *Aquariens*, in Angelo DI BERARDINO, *Dictionnaire Encyclopédique de Christianisme Ancien*, 1, Ed. du Cerf, Paris 1990, 199.

<sup>36</sup> CIPRIANO DE CARTAGO, *Carta 63*, 13, 1 (o. c., 300).

<sup>37</sup> *Ibidem*, 63, 11, 3 (o. c., 299).

O pensamento de Cipriano parte da afirmação inequívoca da realidade da eucaristia e, por outra parte, deita mão de uma comparação quase chocante para exaltar a transformação que opera em quem a recebe. Ressalve-se, contudo, a consonância com a consolidada tradição recebida e a continuidade com a preocupação que atravessa todo o seu pensamento: a unidade. O efeito da alegria transbordante que resulta da eucaristia está condicionado pela sua celebração «na Igreja do Senhor» e pela conformidade com a «verdade do Senhor». A eucaristia é, verdadeiramente, «sacramento de comunhão»<sup>38</sup>.

## 8. Conclusão

A figura de Jesus Cristo é uma referência central e permanente na vida e nos escritos das primeiras gerações de cristãos. Talvez isto ajude a entender que a eucaristia tenha deitado, tão cedo, raízes profundas nas comunidades cristãs e que o essencial da fé eucarística seja uma realidade pacífica e generalizada, tanto por parte dos cristãos fiéis ao património da fé recebida como dos heterodoxos.

Estamos ainda, contudo, num tempo em que o próprio discurso teológico sobre Cristo carece de explicações substanciais, que deverão continuar a fazer-se ao longo dos séculos seguintes. Em contraste com esta busca de aprofundamentos cristológicos, e teológicos em geral, a eucaristia afirma-se como o mesmo Jesus Cristo. O pão e o vinho sobre os que se pronuncia a *acção de graças* passam a ser o verdadeiro corpo e sangue do Senhor Jesus Cristo: o mesmo que descende de David e morreu na cruz, sacrifício anunciado e pre-figurado no Antigo Testamento. Aliás, os cristãos têm consciência de que a perpetuação da eucaristia não decorre de uma iteração saudosista e vazia de um gesto do Mestre, mas do cumprimento do seu mandato.

Assumida a novidade e centralidade de Jesus Cristo, entende-se que a eucaristia apareça como sinal e causa inequívocas de unidade, explicitada na figura do bispo, que preside à celebração, e no altar sobre o qual se realiza o sacrifício da Nova Lei. Por isso, o acesso à comunhão não é indiscriminado: reserva-se aos baptizados que, nas suas relações com o próximo, não negam com a vida a unidade de que a eucaristia é causa e sinal; reserva-se aos baptizados que, tendo quebrado a fraternidade, antes de aceder à eucaristia, procuram a reconciliação com os irmãos.

A eucaristia é o centro da celebração da fé e o domingo o dia de referência para este encontro da comunidade à volta do mesmo altar. O esquema da

---

<sup>38</sup> «A Eucaristia é assim verdadeiro sinal (materializado no pão, no vinho e na participação comum) e realização sacramental da comunhão eclesial»: J. A. GIL-TAMAYO, *Eucaristía y comunión eclesial en los escritos de Cipriano de Cartago*, in «Scripta Theologica» 37, 1 (2005) 75.

celebração, com evidente lugar para a criatividade, começa já a desenhar-se à sombra da força do Espírito.

A eucaristia faz a ponte com a páscoa judaica e com a páscoa futura e perpetua, em quem a recebe, a possibilidade de uma renovada e misteriosa encarnação do Verbo. Para as primeiras gerações de cristãos, a eucaristia é, sem dúvida, «pão vivo descido do céu», penhor seguro de imortalidade, garantia de ressurreição.

Estes testemunhos, escolhidos de entre tantos outros possíveis, espelham a centralidade da eucaristia no pensamento e na vida das primeiras comunidades cristãs. Ao olhar para as nossas comunidades – hoje – percebe-se, facilmente, como se alteraram os acentos! Sem cair na tentação de aplicações anacrónicas, recorro, para terminar, um parágrafo do famoso discurso de Bento XVI aos Bispos Portugueses na sua recente visita *ad limina*: «Tendo em conta o número cada vez maior de cristãos não praticantes nas vossas dioceses, talvez valha a pena verificar ‘a eficácia dos percursos de iniciação actuais, para que o cristão seja ajudado, pela acção educativa das nossas comunidades, a amadurecer cada vez mais até chegar a assumir na sua vida uma orientação autenticamente eucarística, de tal modo que seja capaz de dar razão da própria esperança de maneira adequada ao nosso tempo’ (Exort. ap. pós-sinodal *Sacramentum caritatis*, 18)»<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> BENTO XVI, *Discurso aos Bispos de Portugal*, Roma 10 de Novembro de 2007, in «Lumen» 68, 6 (2007) 20.